



## Valorfito promete mais investimento, mais preparação e melhor resposta

Desde início do ano 2025 o Sistema Valorfito, e os seus Pontos de Retoma, reforçaram o compromisso com o setor agrícola, passando a somar à habitual gestão de resíduos de embalagens primárias de fitofármacos, biocidas e sementes, a gestão de novos fluxos: embalagens primárias e secundárias de fertilizantes, rações e batata de semente, bem como embalagens secundárias de fitofármacos, biocidas e sementes.

Maior gestão implica necessariamente maior investimento e maior preparação e, por isso, em 2025, o **Valorfito reforçou o total de Operadores de Gestão de Resíduos**, musculando o sistema para uma natural intensificação no número de recolhas e posterior tratamento de um maior volume de resíduos.

António Lopes Dias, Diretor Geral do Valorfito, afirma que abraçar a gestão de mais três tipologias de embalagens tem sido «*simultaneamente, uma responsabilidade e um reconhecimento do trabalho que o Sistema Valorfito tem desenvolvido de norte a sul do país, e que terá resultados cada vez mais palpáveis, reais e positivos que muito nos orgulham*».

**Mais do que um sistema, o Valorfito está preocupado em ser, dia após dia, o parceiro de confiança de todos os profissionais.**



# Valorfito volta a reduzir pegada carbónica da agricultura

Em 2024, o Valorfito evitou a emissão de **763,2 t de CO<sub>2</sub> eq para a atmosfera**, o equivalente a 1953 barris ou 266 toneladas de petróleo. Estes valores superam os alcançados no ano anterior (735t de CO<sub>2</sub> eq) e refletem o contributo fundamental do setor agrícola para o combate às alterações climáticas.

Esta prevenção da emissão de CO<sub>2</sub> acontece por via do encaminhamento dos resíduos de embalagem para reciclagem e valorização. Os cálculos são feitos tendo como base os referenciais do programa WARM da EPA (*Environmental Protection Agency - USA*) que definem as emissões de CO<sub>2</sub> eq. que se evitam com a reciclagem e valorização dos resíduos por oposição à deposição em aterro.

Ao ganho ambiental diretamente obtido, descontaram-se as emissões de todo o sistema, nomeadamente na sua componente maior, que é o transporte dos resíduos. Neste aspeto, o sistema trabalha diariamente para que os seus processos de recolha e transporte de resíduos sejam planeados ao detalhe por forma a minimizar o impacto ambiental destas operações.

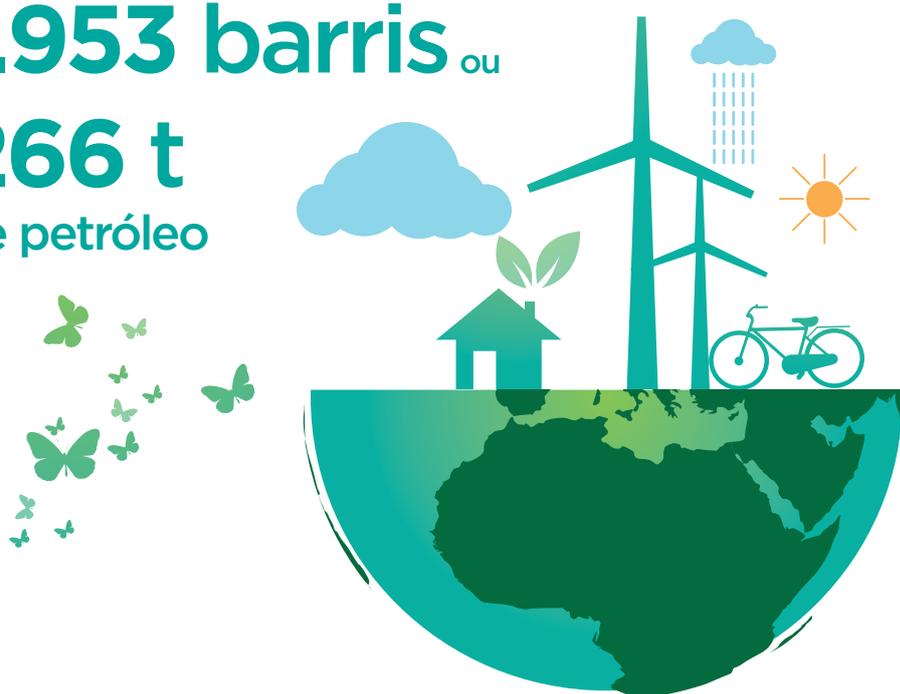
António Lopes Dias, Diretor Geral do Valorfito, garante: «*continuaremos a trabalhar para melhorar este indicador, sobretudo, na área de prevenção de resíduos, sensibilizando os operadores económicos para a necessidade de desenvolver conceitos de embalagem mais compatíveis com a reutilização e a reciclabilidade, após a sua utilização*».

## 763,2 t CO<sub>2</sub>

O que corresponde a

## 1.953 barris ou

## 266 t de petróleo



## AGRICULTOR RECICLADOR

### João Coimbra e a Agricultura Feliz



"Este ano já semeamos 29 espécies de culturas de cobertura", revela João Coimbra

João Coimbra, agricultor de referência na cultura do milho em Portugal, há muito que apostou na agricultura de precisão para uma gestão mais eficiente dos recursos. Mas quer chegar mais longe e por esta razão está a adotar a 'Agricultura Feliz' na Quinta da Cholda, na Golegã, para melhorar o planeta sem perder rendimento.

## **Apresentou há menos de um ano o conceito de agricultura feliz que está a tentar implementar na Quinta da Cholda. Como surgiu este conceito e porquê?**

**João Coimbra (JC):** Nos últimos anos, tentámos perceber como é que aumentamos a produção por unidade de área, mas, ao mesmo tempo, reduzindo o impacto nos ecossistemas, principalmente, reduzindo as emissões de gases com efeito de estufa e evitando a perda de biodiversidade, tudo isto sem perder rendimento. E foi aí que cheguei ao conceito que hoje se chama agricultura regenerativa, só que eu não conseguia aceitar este nome porque, no fundo, era aceitar que já tínhamos tido uma atividade agrícola com impactos complicados na qualidade do solo, etc. Nessa altura, pensei que o conceito de agricultura feliz fazia mais sentido, uma vez que a agricultura é muito mais do que produzir alimentos, temos de procurar que todos os agentes do negócio sejam felizes, desde o agricultor às populações locais. Além disso, temos de integrar a atividade agrícola com os ecossistemas naturais, ou seja, praticar uma agricultura que não degrade ou não elimine esses ativos biológicos. Tudo isto obriga-nos a mudar um pouco o chip da agricultura convencional que ainda recorre a muitas formas de eliminar a biodiversidade para controlar a produção. Nós não somos apologistas de trabalharmos sem as ferramentas químicas e biológicas e uma das razões que me levou a este movimento foi o facto de a UE ter cada vez menos substâncias ativas disponíveis, o que é de uma injustiça tremenda e coloca os agricultores europeus numa enorme desvantagem face ao resto do mundo. É por isso que o conceito de agricultura feliz está a ser muito trabalhado aqui na Quinta da Cholda para que consigamos produzir alimentos de qualidade, baratos, para que todos possam comer.

## **As culturas de cobertura são um dos principais fundamentos da agricultura feliz. Quais são os resultados mensuráveis na utilização de culturas de cobertura?**

**JC:** Na prática, as culturas de cobertura foram a forma que eu tentei para inverter a monocultura do milho, porque nós temos uma situação técnica em que é difícil fazer rotações de culturas, o que seria o ideal do ponto de vista agroecológico. Recorremos à biodiversidade de espécies e mais do que a diversidade de espécies é a diversidade de géneros e de famílias de plantas. Para se ter uma ideia mais clara, este ano já semeamos 29 espécies de culturas de cobertura. Nós semeamos estas culturas de cobertura biodiversas quando o milho está a acabar ou já a sair do campo. Um dos problemas da agricultura convencional é que ela vive com muito pouca diversidade, existindo depois muitos distúrbios no solo. Quando se faz distúrbios no solo há sempre uma perda de diversidade que nos leva a utilizar mais distúrbios químicos e, conseqüentemente, a mais destruição de diversidade. No fundo, ficamos com muito poucos microrganismos no solo e é nesta fase que aparecem as pragas e as doenças, porque a natureza não gosta de desequilíbrios. É um círculo vicioso. A pouca diversidade do solo leva a que não existam defesas, não haja mineralização da matéria orgânica, não haja fixação de azoto atmosférico.

## **E quais são os resultados da utilização de culturas de cobertura no solo?**

**JC:** As culturas de cobertura têm um baixíssimo investimento, nós gastamos 5 a 10 kgs de semente por hectare e cada espécie tem a sua função. Há espécies que ao mobilizar o solo com as suas raízes, depois na primavera eu já não preciso de mobilizar e uma das ações que estamos a conseguir é precisamente reduzir os distúrbios físicos no solo, porque antes nós fazíamos 3

a 4 mobilizações por ano, que destruíam completamente os fungos que fazem a decomposição da matéria orgânica e a transformam em nutrientes para as plantas de milho. No fundo, imitamos a natureza só que em modelos agrícolas muito mais intensivos, procurando tornar-nos menos dependentes de fatores de produção, reduzindo custos e reduzindo emissões de gases com efeito de estufa. E num contexto em que trabalhamos com preços baixos, sendo o milho uma commodity, a única solução que tenho é pôr a natureza a trabalhar para mim. Agora já não preciso de aplicar fertilizantes de sín-

## «O Valorfito é fundamental para sermos hoje um dos países com maior taxa de retoma das embalagens»

tese porque as culturas de cobertura fixam uma parte de dióxido de carbono que ainda por cima é um serviço prestado à comunidade, os chamados créditos de carbono que podemos vender; utilizamos também o azoto atmosférico a partir das bactérias e dos fungos fixadores e solubilizadores deste nutriente. É um círculo virtuoso com efeitos muito positivos no ambiente ecológico do solo e depois o solo responde com produções maiores e com muito menores custos. É preciso mudar o chip do agricultor, são práticas quase contraditórias com o que aprendemos toda a vida com os nossos pais e avôs, mas as culturas de cobertura são decisivas e os resultados no solo são brutais. Nós ainda estamos nos primeiros anos, mas graças às culturas de cobertura e à sua capacidade de produzir matéria orgânica este ano já não tenho de aplicar matéria orgânica nem compostos orgânicos. Isto é todo um processo. Por exemplo, também já não aplicamos potássio, vamos deixar de aplicar fósforo este ano e a aplicação de azoto também está a descer fortemente. Nos últimos anos, reduzimos a aplicação de azoto 20 a 30% e este ano vamos tentar baixar para 40 a 50%.

### Como reduz a pegada de carbono na Quinta da Cholda?

**JC:** Cerca de 50% das emissões de gases com efeito de estufa da minha exploração provêm do ciclo de azoto, desde a sua produção, transporte, aplicação e transformação desse azoto industrial para o azoto disponível para as minhas plantas. Logo, à medida que eu estou a reduzir a aplicação de azoto de síntese estou a reduzir as emis-



A Agricultura Feliz aumenta a biodiversidade na Quinta da Cholda

sões. A segunda via para a redução das emissões está relacionada com o aumento da matéria orgânica, porque ao aumentarmos a matéria orgânica estamos a reter carbono no solo. E depois com a diminuição das mobilizações do solo eu ganho duas vezes: Deixo de usar combustíveis fósseis nas máquinas e, ao mesmo tempo, estamos a reter carbono no solo. Por fim, com o aumento de matéria orgânica no solo temos uma maior capacidade de retenção de água e estamos a utilizar muito menos água, o que é muito positivo, uma vez que quanto menos água usamos, menos energia usamos também. Este modelo de agricultura é de facto um processo muito virtuoso. Um solo saudável produz mais, é mais resistente a pragas e doenças e resiliente a fenómenos climáticos extremos como chuvas intensas e golpes de calor.

**“Agora sou produtor de cultura de cobertura, o milho é um subproduto, já tenho anos em que ganho mais na cultura de cobertura do que no milho”. Isto é de facto assim?**

**JC:** É uma forma de expressão, claro que é um exagero, mas tem um fundo de razão. Eu gastava 800 euros de fertilizantes, se agora as culturas de cobertura me fazem esse trabalho e não preciso de aplicar fertilizantes, estou a ganhar 800 euros. No fundo, com 20 euros, que é o custo das sementes das culturas de cobertura, eu consigo ir buscar 800 euros ao solo, aumentando a matéria orgânica e sem degradar o solo. E se formos a pensar 800 euros é mais do que eu tenho de rendimento com a cultura do milho quando o preço está baixo.

**E o modelo de agricultura feliz pode ser adotado por qualquer agricultor?**

**JC:** Acredito que sim, até porque este modelo de agricultura regenerativa nas-

ceu em locais onde o acesso a fatores de produção era menor. Basta pensarmos em alguns países africanos onde não havia a possibilidade de fazer uma agricultura como a nossa porque não tinham dinheiro, não tinham acesso a essas tecnologias, e muitas práticas da agricultura regenerativa foram adotadas. Agora penso que a grande dificuldade deste modelo é o conhecimento e a transmissão de conhecimento. O nosso modelo de agricultura é muito tradicionalista, os nossos agentes estão envelhecidos e pouco disponíveis. Eu também sou conservador e todos os agricultores que pretendem é uma receita para seguir todos os anos e não andar a ver ano a ano se há ou não microrganismos no solo. Mesmo as universidades estão pouco disponíveis, porque seguem o modelo clássico que é o que nos foi ensinado e hoje há outras áreas da ciência muito importantes para a atividade agrícola como a microbiologia e a ecologia, já não basta a agronomia. Por esta razão temos na Quinta da Cholda uma academia que está a dar formação aos agricultores e a trazê-los cá para verem o que estamos a fazer.

**O Governo apresentou recentemente a nova estratégia para a promoção da produção dos cereais. Como olha para esta estratégia? Quais as medidas-chave para aumentar o grau de aprovisionamento de cereais em Portugal?**

**JC:** Esta questão é muito complexa. Os Estados só têm duas formas de se tornarem menos dependentes do mercado internacional de cereais que é o aumento dos seus stocks de cereais, ou seja, os Estados compram cereais e armazenam-nos por uma questão de segurança, ou há um incremento artificial do mercado através de apoios. Portugal nunca foi autossuficiente na produção de cereais e, portanto, também não vai ser agora que o vamos fazer. Não conseguimos ser tão competitivos como outros países nas culturas

dos cereais, por exemplo, por causa das regras injustas que há para os agricultores na UE e fora da UE, nomeadamente, no acesso a produtos fitofarmacêuticos. Depois a mudança na lógica da PAC fez com que os apoios aos cereais sejam extremamente reduzidos. Os cereais precisam de apoios de base como todas as outras culturas.

Por outro lado, muitos dos solos em Portugal estão a ser direcionados para culturas como os frutos secos e o olival, eu sou liberal e acho que o mercado deve funcionar, mas um país que só produz produtos que não são bens de primeira necessidade depois em períodos de crise passa por mais dificuldades porque não pode ser só alimentado com esses produtos. Estamos cada vez mais dependentes das importações de cereais, se continuarmos assim daqui a uns anos vamos ser 100% dependentes. Por uma questão estratégica temos de ter uma base mínima de produção de cereais, de conhecimento, de tecnologia, caso contrário essa capacidade vai-se perdendo e depois não é recuperável. Os cereais são a base de tudo, sem eles temos logo problemas na alimentação animal. Nós somos bastante competitivos na produção de cereais, especialmente em regadio, mas não podemos ter impedimentos para a captação de água, regras completamente arcaicas para produzir e comercializar cereais. Precisamos de armazenar mais água, de investimento na formação dos agricultores e de apoios para a compra de equipamentos mais eficientes. Temos de ter ajudas definitivamente consistentes e de longo prazo para que os investidores e os agentes económicos apareçam. Não é hoje muda o Governo e acaba-se com a estratégia.

Um solo saudável produz mais e é mais resistente a pragas e doenças.

## Como avalia o sistema Valorfito?

**JC:** A recolha de embalagens vazias de fitofármacos funciona muito bem, no nosso caso entregamos aqui na cooperativa local. Ainda antes de ter sido criado o sistema Valorfito, nós na Quinta da Cholda já procurávamos reciclar as embalagens e fazíamos a tripla lavagem e por isso quando surgiu o sistema Valorfito aderimos logo. Penso

**«Sendo o milho uma commodity, a única solução que tenho é pôr a natureza a trabalhar para mim»**



que o Valorfito é fundamental para sermos hoje um dos países com maior taxa de retoma das embalagens. Felizmente os agricultores aderiram bastante bem ao sistema Valorfito e hoje já não descartam nenhuma embalagem, o que prova que o sistema foi bem pensado e executado. No nosso caso nós medimos os resíduos da nossa atividade e recolhemos 100% dos resíduos. No caso dos produtos fitofármacos, optamos por big bags em vez de embalagens menores. Agora procuramos também dar atenção à pegada ecológica de um determinado produto, desde o local de origem até chegar aqui à exploração. Já começamos a fazer cadernos de encargos para que as empresas nos pos-

sam disponibilizar este tipo de serviços. Se eu souber, por exemplo, as emissões de um fertilizante que foi produzido na Rússia ou no Sul de Espanha, em igualdade de circunstâncias, posso optar pelo que tem menos emissões.

### **E tem alguma sugestão de melhoria para Sistema Valorfito?**

As embalagens têm muito volume, o que representa para o Valorfito custos de transporte caríssimos. O ideal seria, caso fosse possível, cada agricultor fazer uma espécie de fardo, para facilitar e baixar os custos de transporte.

**440 kg** embalagens de fitofármacos\*  
**460 kg** sacos de sementes\*

\*resíduos entregues para valorização no sistema Valorfito em 2024



“Temos de praticar uma agricultura que não degrade os ativos biológicos”, afirma João Coimbra

## DISTRIBUIDOR RECICLADOR

«É muito positivo aumentar o leque de embalagens que podem ser entregues no Sistema VALORFITO»



A Cooperativa Terras de Felgueiras é Ponto de Retoma do Sistema VALORFITO desde 2006 e tem vindo a aumentar, ano após ano, a quantidade de embalagens vazias de fitofármacos entregues para valorização.



A vinha e o kiwi são as principais culturas dos associados da Cooperativa Terras de Felgueiras

Inserida na Região Demarcada dos Vinhos Verdes, a Cooperativa Terras de Felgueiras com mais de 60 anos de atividade tem na vinha a sua principal cultura. No entanto, nos últimos anos a cultura do kiwi tem vindo a ganhar destaque. *“Nós temos cerca de 650 viticultores associados, mas a cooperativa atualmente está mais virada para a cultura do kiwi, porque este fruto traz uma maior rentabilidade para os associados e há bastante procura pelo kiwi no mercado. Temos agricultores muitos entusiasmados, a cultura está a atrair jovens, pelo que temos muitos produtores a apostar nesta cultura”*, explica Aurélio Sousa, engenheiro agrónomo da Cooperativa Terras de Felgueiras. Neste momento, são 80 os associados da cooperativa que se dedicam à produção de kiwi e contam com uma área de produção de cerca de 300 hectares. Além disso, a estrutura recebe também a produção de kiwi de concelhos vizinhos que processa, armazena e comercializa.

A maioria da produção de kiwi tem como destino o mercado externo, com o fruto a ser exportado sobretudo para Espanha.

A Cooperativa Terras de Felgueiras desempenha um importante apoio ao setor agrícola na região, tanto no aconselhamento técnico aos seus associados, como no processamento e comercialização dos produtos, e conta também com uma loja de venda de produtos fitofarmacêuticos. *“As boas práticas agrícolas são uma realidade na cooperativa, desde a gestão eficiente da água, até ao uso sustentável de produtos fitofármacos, uma vez que os agricultores estão cada vez mais despretos para a sustentabilidade ambiental”*, salienta Aurélio Sousa.

O apoio técnico na loja de fitofarmacêuticos da cooperativa é uma ajuda essencial para os agricultores. *“Os nossos técnicos, tanto na loja de produtos fitofármacos, como no campo, procuram aconselhar os*

*agricultores de forma a conseguirem a melhor produção possível, ao mesmo tempo que respeitam o meio ambiente. Os técnicos chamam a atenção para a importância de aplicar os produtos fitofármacos de forma adequada, e só em caso de necessidade e com as concentrações corretas. Todo este aconselhamento é fundamental para uma produção agrícola cada vez mais amiga do ambiente”*, adianta Aurélio Sousa, que é também diretor da loja de fitofarmacêuticos da cooperativa.

### **Entrega de embalagens vazias de fitofármacos tem vindo a aumentar**

A Cooperativa Terras de Felgueiras aderiu ao Sistema Valorfito logo no início, em 2006, e o balanço ao final de quase 20 anos não podia ser mais positivo. *“A entrega de embalagens vazias de fitofármacos tornou-se um hábito, os agricultores já entregam as embalagens com facilidade. Ao início aqui na cooperativa fizemos reuniões com os agricultores onde demos a conhecer o sistema VALORFITO e o seu funcionamento e como a prática da entrega das embalagens vazias de fitofármacos é importante para todos, para os agricultores, os consumidores e o meio ambiente. Depois os agricultores foram passando a palavra uns aos outros e a entrega de embalagens foi aumentando sucessivamente, o que é muito positivo, significa que o sistema Valorfito funciona bem”*, revela Aurélio Sousa.

Em 2024, a cooperativa recebeu dos agricultores 1990 kgs de embalagens vazias para valorização no Sistema Valorfito.

*“Os técnicos estão sempre a relembrar a importância da entrega das embalagens. Quando os nossos agricultores vêm à loja adquirir algum produto, além de aconselhar o melhor produto e a melhor forma de o utilizar, explicam sempre como a embalagem deve ser acondicionada, como deve ser feita a tripla lavagem das embalagens e*

**“A entrega de embalagens vazias de fitofármacos tornou-se um hábito, os agricultores já entregam as embalagens com facilidade”**

*a entrega. A nossa grande preocupação é divulgar e informar como funciona o Sistema Valorfito”, destaca.*

E o momento de entrega das embalagens no Ponto de Retoma merece também especial atenção por parte da equipa técnica da cooperativa: *“Temos o cuidado de verificar se as embalagens estão bem acondicionadas e secas e se os sacos vêm bem fechados, para que depois o processo de recolha por parte do Valorfito seja mais fácil e rápido”.*

Desde o dia 1 de janeiro de 2025, os Pontos de Retoma Valorfito recebem também embalagens vazias, primárias e secundárias, de fertilizantes, rações e batata de semente, além das embalagens de fitofarmacêuticos e sementes. A Cooperativa Agrícola de Felgueiras vê esta nova etapa do Sistema Valorfito com bons olhos. *“É muito positivo aumentar o leque de embalagens que podem ser entregues, é uma boa medida para ajudar o ambiente e acredito que os agricultores vão aderir com naturalidade”,* adianta Aurélio Sousa.



**1 990 Kg**

de embalagens vazias entregues no Sistema Valorfito em 2024

**2006**

ano de adesão como Ponto de Retoma Valorfito

# Entregue as embalagens vazias

de produtos fitofarmacêuticos, biocidas,  
sementes, fertilizantes, rações e batata  
de semente num ponto de retoma Valorfito.

Faça como a Família Prudêncio®



Informe-se em [www.valorfito.com](http://www.valorfito.com)  
ou num Ponto de Retoma Valorfito.  
**valorfito @tual**

SIGERU . Sistema Integrado de Gestão de Embalagens  
e Resíduos em Agricultura, Lda.

R. General Ferreira Martins, nº 10 - 6º A . 1495-137 Algés  
T. +351 214 107 209 // [contacto.valorfito@sigeru.pt](mailto:contacto.valorfito@sigeru.pt)

Nº 45 • junho 2025 • [www.valorfito.com](http://www.valorfito.com)